

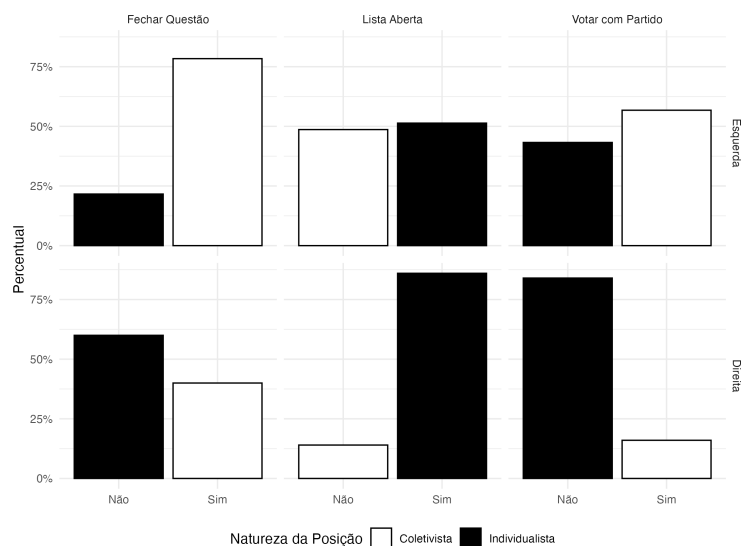
4 — Individualismo Legislativo

Autores: Cesar Zucco, Bruna Ayres, Camila Reis, Timothy Power

Nas redes sociais, inimigo leva *hate*. Aliado leva cancelamento. O ostracismo, como punição, só faz sentido quando é direcionado contra um igual. É uma dinâmica que aparece em grupos de toda natureza – e, no Brasil de hoje, vale tanto para a direita quanto para a esquerda.

A direita brasileira, em particular, tem buscado manter a pureza ideológica e a lealdade ao presidente Jair Bolsonaro com uma permanente ameaça de cancelamento. Um exemplo recente desse tipo de comportamento é o desentendimento entre Eduardo Bolsonaro e Nikolas Ferreira, acusado de não apoiar a pré-campanha de Flávio Bolsonaro à presidência da república em meio a disputas internas pela sucessão no bolsonarismo. A alta popularidade e o alto engajamento de Nikolas nas redes sociais são usados para questionar sua fidelidade a Bolsonaro, gerando acusações de que ele estaria promovendo o engajamento de perfis contrários à candidatura de Flávio e não estaria impulsionando os algoritmos a favor da pré-campanha do sucessor escolhido pelo próprio Bolsonaro. Dessa situação, depreende-se que, nas redes, o pertencimento ao grupo é importante e altamente valorizado, enquanto uma atuação individual questionadora ou desviante é punível.

O comportamento observado nas redes, no entanto, não necessariamente se traduz na forma como os parlamentares se relacionam com seus partidos no Congresso. Lealdade a uma liderança pessoal e disciplina partidária são dimensões distintas – um parlamentar pode ser fortemente leal a Bolsonaro e, ainda assim, rejeitar mecanismos de controle impostos por sua legenda. A PLB permite investigar essa segunda dimensão, por meio de três perguntas incluídas em todas as dez ondas da pesquisa (1990–2025).



Preferências Institucionais por Ideologia (2025)

Na primeira pergunta indaga se o parlamentar “acha correto o partido fechar questão” e tentar impor a “fidelidade partidária”. A segunda pergunta se refere à preferência pela lista aberta ou pela lista fechada, assumindo a manutenção de um sistema eleitoral proporcional. Na lista aberta, usada hoje no Brasil, o eleitor escolhe um candidato específico e a ordem dos eleitos é definida pela votação individual de cada um. Na lista fechada, o eleitor vota no partido e a ordem dos candidatos é definida previamente pela legenda. A opção pela lista aberta é a posição individualista, já que gera incen-

Contato: cz2972@columbia.edu | **Financiamento:** Rede de Pesquisa Aplicada da Fundação Getúlio Vargas, CNPq e University of Oxford | **Apoio Institucional:** CEFOR-Câmara dos Deputados | **Dados:** dataverse.harvard.edu/dataverse/bls (10ª onda disponível em breve)

em momentos em que essas orientações estejam em conflito.

O Congresso em 2025 tende a ser individualista. Há uma forte preferência pela lista aberta (74%) e 67% dos parlamentares acreditam que devem votar conforme sua convicção, e não conforme a orientação do partido (quando há conflito). Apenas na terceira pergunta aparece uma posição majoritariamente coletivista: 56% concordam que um partido pode “fechar questão” e tentar impor a “fidelidade partidária”.

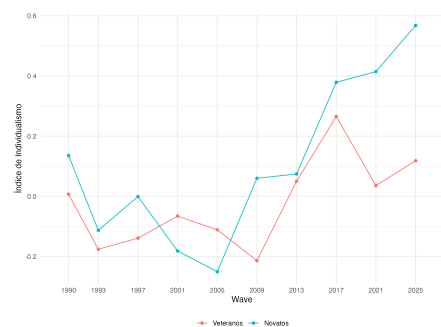
Essas posições variam muito entre blocos ideológicos, com uma forte prevalência das posições individualistas na direita. Apenas 16% acreditam que se deve votar com o partido quando contraria a preferência individual, 14% defendem a lista fechada e 40% aceitam que um partido feche questão. Na esquerda, os valores correspondentes são 57%, 49% e 78%, respectivamente.

As respostas dadas às três perguntas são bastante consistentes entre si, o que nos permite combiná-las em um índice único de individualismo parlamentar. Esse índice é centrado em zero e varia (aproximadamente) de -1 a 1: valores mais altos indicam atitudes mais individualistas e valores mais baixos indicam atitudes mais coletivistas. A PLB nos permite, assim, observar como o individualismo parlamentar evoluiu ao longo do tempo.

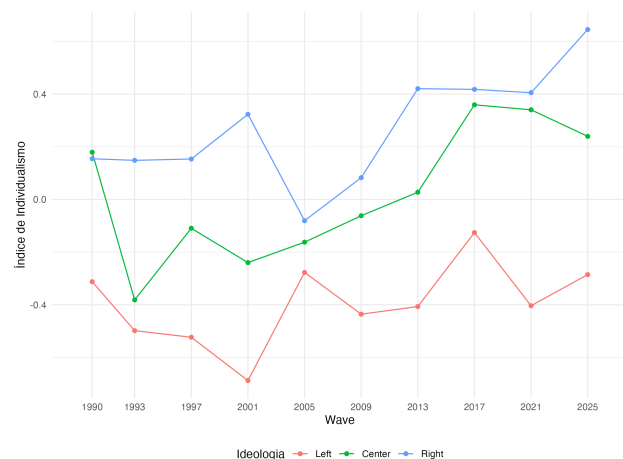
O individualismo médio no Congresso esteve em seu nível mais baixo de 1993 a 2005, oscilando em torno de -0.15. A partir daí, o índice tem um aumento pronunciado e desde 2017 atinge níveis médios próximos de 0.3. Ao longo de todo o período, como a figura mostra, a direita sempre foi mais individualista do que a esquerda. No entanto, essa diferença de posicionamentos, que chegou a ser muito pequena em 2005 (0.08), é hoje bastante expressiva (0.45).

Esse índice não é apenas um exercício teórico. Nossas análises mostram que ele está associado ao comportamento real dos parlamentares no Congresso – tanto à frequência com que seguem a orientação do partido nas votações quanto à disposição de trocar de legenda no meio do mandato.

Parlamentares com índice de individualismo mais baixo tendem a votar com a liderança do partido em cerca de 93% das votações. Para os mais individualistas, essa taxa de fidelidade cai para 88%. A diferença entre esses dois valores pode não parecer grande, mas parlamentares que votam com o partido em apenas 88% das vezes estão entre os 20% menos disciplinados do Congresso.



Individualismo por Senioridade (1990–2025)



Individualismo por Ideologia (1990–2025)

As implicações do nosso índice de individualismo são ainda mais claras quando examinamos trocas de legenda. Um parlamentar com índice de individualismo de -0.7, que equivale ao ponto mais baixo registrado na esquerda em 2001, tem cerca de 8% de probabilidade de mudar de partido ao longo de uma legislatura. Já um parlamentar com índice próximo a 0.7, o valor mais alto registrado na direita, tem 23% de probabilidade de mudar pelo menos uma vez, e 5% de mudar mais de uma vez na mesma legislatura.

O individualismo também varia conforme o perfil do parlamentar. Ele é mais pronunciado, por exemplo, entre aqueles que destoam

ideologicamente do próprio partido. A PLB permite medir tanto a posição ideológica de cada parlamentar quanto a posição média do partido a que ele pertence; quando esses dois valores estão distantes, o índice de individualismo do parlamentar tende a ser mais alto. Em outras palavras, quem está ideologicamente desalinhado de sua própria legenda também tende a valorizar menos a atuação em grupo.

Outro padrão interessante é a relação entre individualismo e tempo de Congresso. Até 2017, veteranos e novatos exibiam níveis semelhantes de individualismo, mas desde então há um descolamento perceptível entre os dois grupos – os novatos são hoje substancialmente mais individualistas do que os veteranos. A implicação de longo termo dessa diferença é que devemos esperar um parlamento ainda mais individualista no futuro, a não ser que quando alçados a posições de comando dentro de seus partidos ou do parlamento esses novatos mudem a sua apreciação pela atuação coletiva dentro do parlamento.

Perguntas da pesquisa utilizadas neste texto:

fidelit O(a) Sr.(a) acha correto o partido fechar questão e usar o recurso da fidelidade partidária?

1. Sim
2. Não

pplist Se o Brasil mantiver o sistema **believe** O(a) Sr.(a) acredita que, na de eleições proporcionais, o(a) Sr.(a) atividade parlamentar, em geral um par-preferiria que a ordem de candidatos na lamentar deve votar como o partido in-lista fosse determinada pelo partido ou dica, ou de acordo com o que ele/ela preferiria uma lista aberta (como existe acredita? agora)?

- | | |
|---|---|
| <ol style="list-style-type: none"> 1. Lista aberta 2. Lista fechada | <ol style="list-style-type: none"> 1. Como o partido indica 2. De acordo com o que acredita |
|---|---|